

UMA APROXIMAÇÃO ÀS POESIAS COMPLETAS DE MACHADO DE ASSIS*

José Américo Miranda
Universidade Federal do Espírito Santo/CNPq/FAPES¹

Resumo: Este artigo, sem ser exaustivo, detendo-se apenas em certos pontos de inflexão da trajetória editorial dos textos, apresenta um breve histórico das poesias completas de Machado de Assis, com observações e comentários sobre várias de suas edições. Mencionam-se as reuniões de textos esparsos, recolhidos por pesquisadores, e apresenta-se o relato da história da progressiva reunião dos textos, a partir das fontes primárias, principalmente dos periódicos em que eles apareceram pela primeira vez, assim como sua incorporação às edições das *Obras completas* do autor. São, também, mencionadas as duas edições mais recentes, que lhe reúnem a poesia completa: *Toda poesia de Machado de Assis*, organizada por Cláudio Murilo Leal, e *A poesia completa*, organizada por Rutzkaya Queiroz dos Reis.

Palavras-chave: Poesia brasileira, Poesias completas de Machado de Assis, Machado de Assis.

Machado de Assis não apenas começou a sua vida de escritor publicando poesias; ele foi poeta do início ao fim de sua trajetória. Os periódicos daquele tempo – jornais e revistas – foram os principais veículos em que ele divulgou seus versos; nas quatro coleções que reuniu em livro, boa parte das peças já havia sido divulgada na imprensa. Antes da publicação do primeiro livro de poesias, entre 1855 e 1863, Machado de Assis já publicara na imprensa um pouco mais de 60 poemas, se fizermos a

* Este artigo foi originalmente publicado na revista *Scripta* (v. 20, n. 39, p. 331-349, 2º semestre, 2016), publicada pela PUC Minas, Belo Horizonte, MG. O texto, naquela publicação, está disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/issue/view/857>>. Para publicação neste número da *Machadiana Eletrônica*, o artigo sofreu pequenas alterações, para ajustá-lo às normas da revista, e foi submetido a nova revisão. Na revista *Scripta*, o artigo trazia, vinculado a seu título, a seguinte nota de rodapé: “‘Poesias completas’ é a expressão que tem sido usada para designar o conjunto dos poemas produzidos por Machado de Assis; assim ‘poesias’ e ‘poemas’ serão empregados neste artigo, sem distinção.”

¹ Pesquisador DCR (Desenvolvimento Científico Regional) do CNPq, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), de 2015 a 2018.

conta com base na *Bibliografia de Machado de Assis*, publicada em 1955, e esse número sobe a 75, se a conta for feita pela edição de 2015 da *Obra completa em quatro volumes*. A quase totalidade dessas poesias nunca foi publicada por ele em livro, umas poucas peças foram publicadas em polianteias ou miscelâneas de vários tipos.²

Dos 28 poemas que apareceram em *Crisálidas* (1864), 14, ou seja, metade, já haviam sido divulgados anteriormente em meios impressos. Um crítico dessa obra chamou atenção para o fato, dizendo que o título do livro não se justificava, “porque as produções reunidas em um feixe despossuem o mérito da novidade” (LEITÃO, 2003, p. 55). Não se sabe se por isso, mas, em *Falenas* (1870), o poeta foi mais discreto: apenas 5 das 35 poesias (cerca de 14%) haviam sido divulgadas na imprensa antes de sair em livro. Nas *Americanas* (1875), 3 dos 13 títulos tinham sido publicados isoladamente, o que dá quase 25% do total.³ A grande surpresa, entretanto, no tocante a esse aspecto, fica por conta de “Ocidentais” (1901, nas *Poesias completas*), obra de cujas 27 poesias J. Galante de Sousa não conseguiu encontrar publicação anterior apenas de quatro. Isso dá um índice de cerca de 85% de poemas previamente divulgados, o que, muito provavelmente, pode ser explicado pelo fato de os esforços mais importantes de Machado de Assis, nas décadas finais do século XIX, não se dirigirem com intensidade para a criação ou a publicação de mais um volume de versos. O fato, porém, é que os números de poemas e de versos nunca publicados em livro pelo autor superaram os dos que mereceram aparecer nesse veículo privilegiado.

Essa não é a única surpresa que “Ocidentais” nos reserva: identificado como o livro equivalente, na poesia, à obra ficcional da maturidade do autor, ele inclui poemas de épocas muito anteriores: cerca de metade deles (16, num total de 30) são de 1880 para trás, e apenas dois datam da década de 1890. O mais antigo poema do livro, “Clódia”, é de 1869.

Não pode haver dúvida de que o essencial da poesia de Machado de Assis consiste no conjunto que ele reuniu no volume das *Poesias completas*, publicado em 1901. Esse é o conjunto canônico de sua obra poética, ao qual se deve acrescentar o

² Esta avaliação foi feita apenas com base no levantamento publicado por J. Galante de Sousa, na *Bibliografia de Machado de Assis*, em 1955.

³ As avaliações quantitativas, aqui, foram feitas pelos títulos dos poemas; se fossem levados em consideração os versos, os números seriam bem outros, porque os poemas mais longos eram de divulgação mais difícil em jornais e revistas.

soneto “A Carolina”, composto em data posterior não só à publicação do livro, mas também à morte dela, que ocorreu em 1904. Esse extraordinário poema apareceu em *Relíquias de casa velha* (1906). Tal é o conjunto a que o autor deu acabamento definitivo, que se pode considerar a manifestação última de sua vontade.

Em torno desse núcleo encontram-se, por um lado, os poemas que apareceram nas primeiras edições de *Crisálidas*, de *Falenas* e de *Americanas*, mas que foram excluídos da obra pelo próprio poeta por ocasião da publicação das *Poesias completas*, e, por outro, os numerosos poemas, publicados ou não na imprensa periódica, jamais reunidos em livro por ele. Esses dois conjuntos, o dos poemas excluídos e o dos dispersos, merecem estudo à parte; porém, a avaliação crítica deles há de ter como referência o conjunto essencial, que é o das *Poesias completas*.

Quando se fala em “poesias completas” de Machado de Assis, fala-se de uma realidade ambígua, pois há as *Poesias completas* que o autor publicou em 1901, e há as poesias completas, em sentido literal, que compreendem todas as composições em versos saídas de sua pena.

Em 1910, dois anos depois da morte do poeta, teve início a coleta de suas poesias dispersas, com a publicação de *Outras relíquias* – livro assim intitulado por alusão a *Relíquias de casa velha*, que o próprio autor compilara e fizera publicar em 1906; e, com a edição W. M. Jackson das *Poesias completas*, de 1937, começou a anexação delas ao conjunto definido pelo autor em 1901. Data de então, no tocante à poesia (embora a afirmação seja válida para todos os gêneros praticados pelo escritor), a determinação dos editores de não cumprir a vontade do autor, atendendo – diga-se – à ansiedade do público, que queria (sempre quis) ver toda a emanção daquele espírito em volumes impressos. Pode-se afirmar, desde logo, portanto, que, no tocante à sua obra, ninguém concorda com Machado de Assis.

As hesitações do poeta, no que diz respeito à coleção completa de seus poemas, podem ser acompanhadas na correspondência que manteve com Carlos Magalhães de Azeredo. Em carta de 10 de maio de 1898, dizia ele ao amigo: “Eu, pela minha parte, além de alguma coisa que tenho em mãos e não sei se acabarei, nem quando, quero ver se coligo certo número de escritos esparsos. Não sei se valerá a pena fazer o mesmo aos versos; dado que sim, poderá sair um tomo pequeno” (ASSIS, 1969, p. 148). A coleção de escritos a que se referia veio a constituir o volume *Páginas recolhidas*, que apareceu

em 1899. No tocante à coleção de poesias, em carta de 9 de setembro de 1898, é mencionada a opinião de amigos: “Há quem me anime a coligir os versos que tenho esparsos e a fazer deles um volume. Não sei ainda que faça.” (ASSIS, 1969, p. 155). As ideias estavam indefinidas; tratava-se, como se vê, apenas de recolher o que estava disperso.

Em 5 de setembro de 1899, quase um ano mais tarde, portanto, Magalhães de Azeredo escreveu ao poeta: “Quando nos dá um volume de versos? Há um avultado número de poesias suas esparsas em jornais e revistas, e com elas se faria um livro dos mais belos da nossa lírica” (AZEREDO, in ASSIS, 1969, p. 188). Ao rogo do amigo, respondeu Machado de Assis, em 7 de novembro: “Quanto aos meus [versos], estimarei coligi-los. Como o Veríssimo e outros me têm aconselhado a publicação integral de todas as coleções, verei se é possível fazê-lo, e então lá irão também os derradeiros; se não, cuidarei só destes” (ASSIS, 1969, p. 190).⁴ Mudava a coisa de figura: estudava-se a possibilidade de uma publicação completa.

Acredito que a expressão “os derradeiros” deva ser entendida por “aqueles que ficaram por reunir”, e não por “os compostos ultimamente”. Cerca de metade dos poemas de “Ocidentais”, como já foi dito, é bem antiga, e o livro começou a ser pensado pelo poeta ainda em 1880, quando publicou na *Revista Brasileira*, sob o título de “Cantos ocidentais”, seis dos poemas que apareceriam mais tarde nesse último livro. São eles: “Uma criatura”, “A mosca azul”, “O desfecho”, “Spinoza”, “Suave, mari magno...” e “No alto” (Cf. ASSIS, 1880, p. 135-140).

Dando continuidade ao diálogo epistolar com Magalhães de Azeredo, escreveu-lhe Machado de Assis, em 5 de novembro de 1900:

Já lhe disse que tenho um livro no prelo, e de versos. São todos os que estão por colecionar e mais os colecionados, desde os primeiros anos: *Poesias completas*. Devem ter chegado a Paris, mas ainda não recebi comunicação.

Creio ou antes estou certo que não darei mais versos. Assim o título definitivo fica ajustado à coleção de todos. (ASSIS, 1969, p. 207)⁵

⁴ Além de atualizar a ortografia, também corrigi o que julguei serem erros. O texto publicado é: “Quanto aos meios, estimarei colligil-os. Como e Verissimo e outros me tem aconselhado a publicação integral de todas as colleções, verei se é possível fazel-o, e então lá irão tambem os derradeiros; se não, cuidarei só destes.”

⁵ Naquele tempo, o editor Garnier imprimia seus livros em Paris; daí a referência à cidade, para onde seguiram os originais.

Enfim, chegou-se ao livro definitivo, com uma errata (Cf. SOUSA, 1955, p. 101), que o autor considerou longa e de que assumiu a culpa; ela não deveria existir, se ele tivesse exigido segundas provas – o que costumava fazer com livros impressos fora (Cf. ASSIS, 1969, p. 224). Na nova obra, os volumes anteriores apareceram depurados de tudo o que o autor julgou indesejável. De *Crisálidas* (1864) foram conservados 12 dos 28 poemas da primeira edição; de *Falenas* (1870), 26 dos 37 da primeira edição; e de *Americanas* (1875), 12 das 13 composições. Vejam-se os dados no Quadro 1 e no Gráfico 1, abaixo.

CRISÁLIDAS 1864 28 poemas	CONSERVADOS	ELIMINADOS
	12	16 (57%)
FALENAS 1870 35 poemas	CONSERVADOS	ELIMINADOS
	26	9 (26%)
AMERICANAS 1875 13 poemas	CONSERVADOS	ELIMINADOS
	12	1 (8%)

Quadro 1. Parcela eliminada das três primeiras obras nas *Poesias completas* (1901).

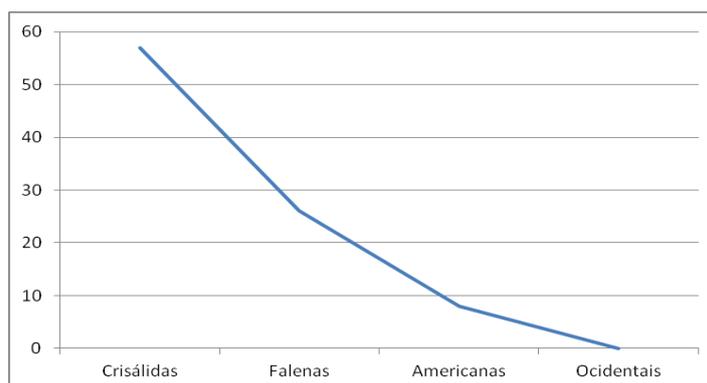


Gráfico 1. Parcela (porcentagem) eliminada das poesias.

A nova obra, “Ocidentais”, acrescentada ao conjunto, compunha-se de 27 poemas (ou 30, se contarmos um a um os quatro sonetos numerados, que trazem o título

comum de “Camões”); segundo Galante de Sousa, 23 dos títulos haviam sido divulgados em periódicos entre dezembro de 1869 e dezembro de 1896. Esse pesquisador afirma não ter encontrado publicações anteriores de apenas quatro poemas: “Lindoia”, “Antônio José”, “José de Anchieta” e “A Felício dos Santos” (Cf. SOUSA, 1955, p. 102). Os poemas mais antigos do livro já foram mencionados.

A propósito dos textos excluídos dos três livros de poesia publicados anteriormente, reunidos num só volume em 1901, escreveu o autor dos poemas na “Advertência”, datada de 22 de julho de 1900, que antepôs ao conjunto: “Suprimo da primeira série algumas páginas; as restantes bastam para notar a diferença de idade e de composição” (ASSIS, 1976, p. 125). E a Carlos Magalhães de Azeredo afirmou o seguinte: “Cortei muita coisa aos dous primeiros [livros], e não sei se ao terceiro também” (ASSIS, 1969, p. 224). Pelo quadro, pelo gráfico e por essas afirmativas, vê-se que a importância e o volume dos cortes foram diretamente proporcionais à distância temporal (em relação a 1901): maior a distância, maiores e mais expressivas as supressões – a ponto de o poeta não se lembrar com exatidão, ao enviar o livro ao amigo que vivia em Roma, se eliminara algum poema de seu terceiro livro (o mais próximo, se considerada a data de sua publicação).

Se se considerar esse dado isoladamente, poder-se-ia dizer que os poemas, quanto mais antigos, mais pareciam insatisfatórios a seu autor. Entretanto, é evidente que uma tal interpretação seria excessivamente simples e fácil. Mais estudos são necessários para a elucidação desse problema.⁶

O livro mais profundamente afetado pelos cortes foi, portanto, o primeiro – *Crisálidas*. Do segundo livro, *Falenas*, foram suprimidos apenas poemas da primeira de suas quatro partes. No estudo desses dois primeiros livros, deve-se dar atenção também à alteração da ordem dos poemas, feita pelo autor, no interior da obra. Essas duas coleções, sob o aspecto da disposição das poesias, tiveram sua composição bastante alterada. Em *Americanas*, o último dos livros, os poemas conservaram-se na ordem em que vinham na primeira edição; a única alteração sofrida por ele consistiu na supressão de seu sexto poema.

⁶ Essa questão foi o objeto da pesquisa que desenvolvi, como bolsista DCR do CNPq, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), entre 2015 e 2018. Este número da *Machadiana Eletrônica* reúne parte dos resultados dessa pesquisa.

Cortes e redistribuição dos poemas nos dois primeiros livros estão relacionados, certamente, ao senso de equilíbrio do poeta e à imagem de si mesmo que ele tinha quando da publicação das *Poesias completas*. Ele próprio, quando ainda hesitava quanto à forma que daria ao volume novo de suas poesias, quando ainda pensava em recolher nele apenas os versos que se encontravam esparsos, afirmou em carta a Magalhães de Azeredo, datada de 9 de setembro de 1898: “Como tudo pode entrar na história de um espírito, não digo que não acabe ajuntando mais alguns pecados” (ASSIS, 1969, p. 155). “Pecados” chamava ele aos próprios versos da mocidade, queremos crer que modestamente, sem ironia.

A ideia da “história de um espírito” pode servir de guia para quem pretende alcançar alguma compreensão das alterações introduzidas na obra pelo próprio poeta na altura de 1901. O velho escritor olhava para trás e julgava a si mesmo e seus livros, muito provavelmente com o mesmo critério e com o mesmo esforço de isenção que utilizava para avaliar obras de outros poetas no exercício do papel de crítico literário.

As *Poesias completas* de Machado de Assis tiveram, pela antiga casa Garnier, duas outras edições, além da de 1901: em 1902 e 1924. A partir de 1937, tendo assumido a propriedade literária da obra, a editora W. M. Jackson passou a publicá-la. A edição de 1937 traz uma “Nota dos Editores”, em que se afirma que o volume inclui “as peças que o autor rejeitou nas POESIAS COMPLETAS (1901)” (Apud SOUSA, 1955, p. 104).⁷ Galante de Sousa, entretanto, deu pela falta de sete poemas de *Crisálidas*, obra de que o autor suprimira dezesseis. Outras edições pela W. M. Jackson, com o mesmo conteúdo da de 1937, saíram em 1944, 1946 e 1950. Somente em 1953, à edição das *Poesias completas* foram incorporadas as sete poesias ausentes das edições anteriores. Foi incluído, também, um trecho dos “Versos a Corina”, que havia sido suprimido pelo autor. Essas inclusões foram feitas, respeitando-se a forma que o autor havia dado a *Crisálidas*, ou seja, elas foram postas em seção à parte, ao final do conjunto de *Crisálidas*, tal como estabelecido pelo autor, separadas por frontispício divisório em que se lia – “Crisálidas / (Da 1.^a edição)” (Cf. ASSIS, 1937, p. 55; ASSIS, 1953, p. 55) –, mas antecedendo às *Falenas*.

⁷ Todas as informações sobre as edições das *Poesias completas* até 1955 foram retiradas dessa obra de J. Galante de Sousa, salvo se houver indicação de outra fonte.

As edições W. M. Jackson, segundo Galante de Sousa, suprimiram também, sem aviso ao leitor, o “Velho fragmento”, trecho de “O Almada”, do conjunto das “Ocidentais” (Cf. SOUSA, 1955, p. 515). A supressão pode ser atribuída, naturalmente, à inclusão de “O Almada”, em sua totalidade, nessas edições das *Poesias completas*.

Na primeira das edições W. M. Jackson dessa obra, assim como nas edições de 1944 e 1950, o índice, ao final do volume, trazia “O Almada” na lista dos poemas de “Ocidentais”, embora, no corpo do volume, o “poema herói-cômico em 8 cantos” fosse separado daquele livro por um frontispício divisório. Depois desse poema, esta edição trazia ainda uma seção intitulada “Vária”, que trazia “A derradeira injúria” (conjunto de 14 sonetos) e um soneto, “No álbum da rainha d. Amélia”. Na verdade, “O Almada”, em sua totalidade, é parte da poesia não publicada por Machado de Assis.

O conjunto dessa poesia esparsa, ou dispersa, foi aumentando, à medida que as edições W. M. Jackson se sucederam. Na edição de 1953, outros três poemas já haviam sido acrescentados à seção “Vária”. Esses aportes às poesias completas guardam relação com os trabalhos de investigação e coleta de pesquisadores individuais.

A coleção dessa poesia já vinha de antes; começara logo depois da morte do poeta; ela foi obra de numerosos e dedicados pesquisadores. Cláudio Murilo Leal, no “Prefácio” intitulado “A poesia de Machado de Assis”, que preparou para sua edição de *Toda poesia de Machado de Assis*, menciona cinco deles: J. Galante de Sousa, Raimundo Magalhães Jr., Jean-Michel Massa, Josué Montello e Plínio Doyle, sem se esquecer de acrescentar “entre outros”, pois descobertas isoladas acontecem ainda hoje.⁸

A série dos resgates começou pouco depois da morte do poeta. Com o título de *Outras relíquias*, uma coletânea de prosa e verso, contendo a primeira edição de “O Almada”, apareceu em 1910 – apenas dois anos passados da morte do poeta –, com uma “Advertência” datada de novembro de 1908. Além de “O Almada”, essa obra trouxe quatro outras poesias e o conjunto de 14 sonetos em homenagem ao marquês de Pombal, intitulado “A derradeira injúria” – originalmente publicado em Lisboa, no volume *O marquês de Pombal* (1885), obra comemorativa do centenário da morte do célebre ministro de d. José I (Cf. SOUSA, 1955, p. 117-118; RAMOS, 1964, p. 80).

⁸ Veja-se o caso do poema “O grito do Ipiranga”, cuja descoberta pelo prof. Wilton Marques foi noticiada pelo jornal *Folha de S.Paulo*, em 14/03/2015 [Caderno Ilustrada].

Em 1932, outro volume, com o título de *Novas relíquias*, trouxe mais doze poemas, embora pelo menos dois deles estivessem presentes na primeira edição de *Crisálidas*, e outros dois, “Perdição” e “À morte de Ludovina Moutinho”, estivessem nas *Poesias completas*, com os títulos trocados, respectivamente, para “Quinze anos” e “Elegia”.

Na década de 1950, J. Galante de Sousa publicou *Poesia e prosa*, outra coletânea de poesia e prosa dispersas, com vinte poemas. Nessa mesma década, mais precisamente em 1955, o aparecimento da *Bibliografia de Machado de Assis*, também ela obra de Galante de Sousa, facilitou enormemente a localização das fontes de todas as obras, inclusive as poesias, de Machado de Assis.

A partir de 1959, nas edições Aguilar (José Aguilar / Nova Aguilar), com reimpressões em 1962, 1971, 1979, 1985, 1986, 1990, 1992, 1994, 1997, 2004 e 2006,⁹ o volume das *Poesias completas* reassumiu a feição que tinha na edição de 1901: as poesias excluídas foram, devidamente identificadas, postas na seção das “Poesias coligidas”, que, além delas, incluía “diversas poesias de Machado de Assis recolhidas dos jornais ou revistas onde apareceram pela primeira vez, e que não foram aproveitadas por ele nos livros que publicou” (ASSIS, 1994, v. III, p. 185). Essa parece ser uma opção mais justa – se não se quer abrir mão das poesias excluídas pelo autor –, para não ofuscar o arranjo que ele deu à própria obra. Nas edições W. M. Jackson, anteriores a 1959, os poemas excluídos de cada livro eram interpostos entre o livro de que foram excluídos e o livro seguinte; e às “Ocidentais” seguiam-se “O Almada” e a seção “Vária”, que reunia os dispersos.

Já em 1959, excetuadas as peças excluídas dos volumes de poesia publicados anteriormente e “O Almada”, que constituía, sozinho, uma das seções do livro, o número das “coligidas”, sob o título geral de “Dispersas”, chegava a 37 (aí incluída “A derradeira injúria”, contada como uma poesia apenas, apesar de ser constituída por 14 sonetos) – dispostas em ordem cronológica (perturbada aqui e ali) e com indicação da fonte. A partir dessa edição, o soneto “A Carolina” passou a aparecer na seção “Dispersas”. Embora tenham sido buscados em suas fontes primárias, 30 das poesias desse conjunto de 37 já apareciam em esforços de compilação anteriores: quatro

⁹ Consultei a edição de 1994, que informa todas as edições anteriores a ela; para as posteriores a essa data, consultei sites de internet, em que os livros estão à venda.

poesias, além de “O Almada” e de “A derradeira injúria”, reunidas em *Outras relíquias* (todas essas peças vinham sendo reproduzidas desde seu aparecimento na edição W. M. Jackson de 1937), sete das doze poesias reunidas em *Novas relíquias* (1932), e, ainda, dezoito das vinte peças coletadas por J. Galante de Sousa em *Poesia e prosa* (1957). A essas compilações individuais deve-se, evidentemente, a descoberta e a reposição dos textos em circulação.

Nos anos que se seguiram à primeira edição da José Aguilar, continuaram os esforços de reunião da poesia dispersa de Machado de Assis. Jean-Michel Massa, em 1965, fez publicar os *Dispersos de Machado de Assis*, reunindo, além de numerosos textos em prosa, uma coleção de cerca de 60 poemas.

Na edição da Nova Aguilar, de 1994, última das edições dessa Casa (em três volumes) consultada para este artigo, o número de poesias incluídas da seção “Dispersas” chegava a 39 (incluída aí “A derradeira injúria”, contada como um título), dispostas como na edição de 1959, passadas as fontes para o rodapé. “O Almada”, nessa edição, como já vinha acontecendo, constituía, sozinho, uma das seções do livro. O soneto “A Carolina”, também, como naquela primeira edição dessa Casa, aparecia entre as “Dispersas”.

Dessas considerações, passemos à edição de 1976, pela Civilização Brasileira, que tem grande importância. No que diz respeito à organização do conjunto das *Poesias completas*, outro foi o arbítrio da Comissão Machado de Assis, que preparou da obra uma edição crítica. A organização do conjunto resultou mais próxima daquela das edições W. M. Jackson do que da organização das edições Aguilar. Nessa edição crítica, todos os poemas presentes na primeira edição de *Crisálidas* aparecem em sequência ininterrupta, sendo os primeiros doze os que o autor conservou no volume de 1901 – na ordem em que os dispôs na forma definitiva; abaixo dos títulos, fica o leitor informado da posição que cada poema ocupava na primeira edição. Em seguida ao décimo segundo poema, “Última folha”, aparecem, sem frontispício divisório, os poemas excluídos do livro, com a informação, sempre abaixo do título, da posição que ocupavam no livro em que haviam aparecido. O mesmo procedimento foi adotado em *Falenas e Americanas* – em clara discordância com a disposição do autor relativa a sua obra poética. Como se vê, a edição crítica, que deveria ter-se limitado às *Poesias completas* de 1901, estendeu seu interesse às poesias excluídas pelo autor naquela ocasião.

A edição crítica, se corrigiu erros, como era de sua obrigação, introduziu outros – inesperados. Sem a intenção de ser exaustivo, examinaremos alguns casos que se transmitiram a edições posteriores. Não serão mencionados os numerosos casos relacionados à pontuação, aspecto de que se ressentia já o primeiro poema da obra, em seu verso n. 10; tampouco o serão os casos de alteração de espaçamentos gráficos, seja em divisões de estrofes, seja no deslocamento de versos para a direita, em relação à margem esquerda, nos poemas em que o autor utiliza versos de mais de uma medida.

O poema “Polônia”, de *Crisálidas*, teve seu verso n. 96 – “Quem não chora contigo as dores tuas;” – alterado para – “Quem não chora contido as dores tuas;” (p. 145) –; no poema “Fé”, o verso n. 6, de – “Onde aos parcéis do crime a alma naufraga,” – passou a – “Onde parcéis do crime a alma naufraga,” (p.180); o poema “Aspiração” teve seu verso n. 14 – “Nossas almas a sós, como irmã junto a irmã,” – alterado para – “Nossas almas a sós, como irmão junto a irmã,” (p. 187); o poema traduzido de Schiller, “Os deuses da Grécia”, teve seu verso n. 79 – “Reconhecia Pílades o sócio,” – mudado para – “Reconhecida Pílades o sócio,” (p. 328). Todos esses erros se transmitiram à edição preparada por Cláudio Murilo Leal. Há, entretanto, pelo menos um erro que não se transmitiu; trata-se do verso n. 195 de “Uma ode de Anacreonte” – “Mirto, vinga-me tu da calúnia insensata;” – que foi transcrito – “Mirto, viga-me tu da calúnia insensata;” (p. 268). Esses mesmos erros aparecem, também, na segunda edição do texto crítico (Cf. ASSIS, 1976; ASSIS, 1977).

Duas edições mais recentes (sem contar as incluídas na *Obra completa*, que continuou merecendo novas edições, cada vez mais completas), *Toda poesia de Machado de Assis*, organizada por Cláudio Murilo Leal, 2008, e *A poesia completa*, por Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009, justificaram-se pelo número crescente de poesias esparsas do autor que se tornaram conhecidas nas últimas décadas e não vinham na *Obra completa*. Essas duas edições, preparadas praticamente ao mesmo tempo, adotaram, perante a obra poética de Machado de Assis, diferentes perspectivas, no tocante à organização dos poemas nos livros e no tocante aos critérios de transcrição (embora ambas tenham atualizado a ortografia).

Cláudio Murilo Leal optou pela restauração dos livros, tais como apareceram nas primeiras edições, valorizando por igual toda a poesia do autor. Esse editor considera que o volume de 1901 “foi concebido como uma antologia, organizada pelo próprio

autor” e que a edição preparada por ele, Cláudio Murilo Leal, visa “à integral preservação do patrimônio poético de Machado de Assis”; porém, ele próprio reconhece, “uma edição de caráter totalizante diverge do critério adotado por Machado” (LEAL, 2008, p. 19). Apesar dessa posição, e por causa dela, entrou alguma contradição na nova edição, pois os livros estão organizados conforme à primeira edição, mas os textos, embora o poeta os tenha alterado pouco, aparecem conforme à segunda, que é a das *Poesias completas*, de 1901, e é, também, o da edição crítica.

Os “Versos a Corina”, de *Crisálidas*, saíram sem os versos finais da terceira parte, suprimidos que foram, pelo próprio poeta, das *Poesias completas*. Entre os versos ausentes está este – “Esta a glória que fica, eleva, honra e consola;” –, escolhido para figurar ao pé da estátua de Machado de Assis, à entrada da Academia Brasileira de Letras.

Eis dois outros exemplos de texto modificado pelo poeta, por ocasião da segunda edição, que figuram na edição de Cláudio Murilo Leal (em que os livros, segundo o organizador, “retomam a sua formatação original”) (LEAL, 2008, p. 20): o verso n. 25 de “Musa consolatrix”, primeiro poema de *Crisálidas*, e a última estrofe do poema “Pálida Elvira”, último poema de *Falenas*.

O verso de “Musa consolatrix” foi modificado pelo poeta: na primeira edição era – “Acolhe-me, – e terá minha alma aflita,” – e passou a – “Acolhe-me, – e haverá minha alma aflita,” – nas *Poesias completas*, e, conseqüentemente, na edição crítica (de onde terá passado à edição de Cláudio Murilo Leal).

A estrofe final de “Pálida Elvira” era assim, na primeira edição:

Pouco tempo depois ouviu-se um grito,
Som de um corpo nas águas resvalado;
À flor das vagas veio um corpo aflito...
Depois... o sol tranquilo e o mar calado.
Depois... Aqui termina o manuscrito,
Que me legou antigo deputado,
Homem de alma de ferro, e olhar sinistro,
Que morreu velho e nunca foi ministro.
(ASSIS, 1870, p. 210).

Essa é uma das estrofes mais profundamente modificadas da obra poética por Machado de Assis, quando da publicação das *Poesias completas*; ela ficou assim:

Pouco tempo depois ouviu-se um grito,
Som de um corpo nas águas resvalado;
À flor das vagas veio um corpo aflito...
Depois... o sol tranquilo e o mar calado.
Depois... Aqui termina o manuscrito,
Que ora em letra de forma é publicado.
Nestas estrofes pálidas e mansas,
Para te divertir de outras lembranças.

(ASSIS, 1901, p. 176; ASSIS, 1976, p. 313).

Assim está a estrofe, em acordo com a edição crítica e, portanto, com o texto das *Poesias completas*, na edição de Cláudio Murilo Leal.

Conforme se viu, alguns parágrafos acima, os erros introduzidos na edição crítica passaram, em boa parte, à edição preparada por Cláudio Murilo Leal. Não há outra conclusão, senão esta: o editor, sem aviso a seus leitores, seguiu, no tocante aos textos, excetuada a ortografia, que foi atualizada por ele, os passos da edição crítica. Provavelmente a fidelidade ao texto estabelecido pela Comissão Machado de Assis explica a adoção das versões de versos e estrofes modificados pelo poeta em 1901. Além disso, o editor suprimiu textos de outros autores que Machado de Assis incluía em seus livros, como, por exemplo, para nos atermos apenas a *Crisálidas*, o poema “Embriração”, de Faustino Xavier de Novais – o que, também, contraria a ideia de manter a “formatação original” dos livros. Mas a fidelidade do editor cometeu, também, algumas infidelidades, pois atualizou a ortografia, não respeitando as especificidades da manutenção de formas gráficas desusadas na edição crítica. E a essa mesma “infidelidade” foi infiel, pois grafou “arêa”, conforme à edição crítica, no verso n. 34 de “Última folha”, último poema de *Crisálidas*.

O volume *Toda poesia de Machado de Assis* traz os quatro livros de poesia publicados por Machado, e, em seguida, outras quatro seções: na primeira, vem “A derradeira injúria”, conjunto de 14 sonetos a que o editor deu o destaque de constituir, por si só, uma seção do livro; na segunda, o poema herói-cômico “O Almada”; na terceira, a “Gazeta de Holanda”, conjunto de crônicas em versos publicadas na *Gazeta de Notícias* entre 1º de novembro de 1886 e 24 de fevereiro de 1888, com 48 peças; e, por fim, o conjunto dos “Dispersos”, com 111 poemas reunidos, ordenados por data, mas sem a indicação das fontes de que foram recolhidos – o que é uma grande perda para o leitor. Um dos 111 poemas aparece duas vezes, com títulos e datas diferentes, e com algumas variantes textuais e de pontuação: “A S. M. I.” (datado de 1860, à p. 698)

e “César! Fulge mais luz” (datado de 1930, à p. 743-744). O número dos poemas dispersos reunidos, assim, cai para 110. Em pelo menos dois casos, o do poema “O sofá” (p. 647-648) e o do “Ao carnaval de 1860” (p. 701-703), o número de versos na edição de Cláudio Murilo Leal é menor do que na edição comentada a seguir – ou seja, tudo indica que os poemas estão aí incompletamente transcritos. Além disso, faltam três poemas nessa coleção: “A uma donzela árabe”, datado de 1859, “A Francisco Pinheiro Guimarães”, datado de 1870, “Prólogo do *Intermezzo*”, datado de 1894 – todos eles presentes na edição comentada a seguir, respectivamente, às páginas 446-448, 513-514 e 536-537.

Rutzkaya Queiroz dos Reis, que organizou *A poesia completa*, publicada em 2009, deu outra disposição ao conteúdo do volume. Ela respeitou a organização das *Poesias completas*, de 1901; dispôs os poemas excluídos numa segunda seção do livro, intitulada “Primeiras edições”, à qual se segue a terceira, a dos “Poemas dispersos”. Essa terceira seção da obra contém 113 títulos, sendo um deles “A derradeira injúria” (conjunto de 14 sonetos) e outro o soneto “A Carolina”, que Cláudio Murilo Leal colocara no pórtico de sua edição. Rutzkaya Queiroz dos Reis não deu abrigo à “Gazeta de Holanda” em sua edição, dando a entender que os 48 textos em versos que a compõem não são poesia. Nessa edição dois poemas não se encontram na seção “Poemas dispersos”, mas na “Recepção crítica”, que vem ao final do volume: são os poemas “A Francisca”, que foi incluído num texto intitulado “Palestra”, assinado A. A. (provavelmente Artur Azevedo), publicado em *O País*, em 2 de outubro de 1908 – dia seguinte ao do enterro do poeta; e “A Guiomar”, datado de 1892 e publicado em *Outras relíquias*, em 1910.¹⁰ Na edição de Cláudio Murilo Leal, esses dois poemas aparecem entre os “Dispersos”, respectivamente, às páginas 739 e 740-741. A organizadora de *A poesia completa*, sempre que pôde, informou em rodapé data e fonte dos textos incluídos na seção “Poemas dispersos”; quando não informa a fonte, dá a data com a expressão “data informada” (sem, no entanto, identificar o informante). Também Rutzkaya Queiroz dos Reis atualizou a ortografia dos textos.

¹⁰ A disposição gráfica na edição de Rutzkaya Queiroz dos Reis, p. 746, faz supor que “A Guiomar” tenha sido divulgado, como “A Francisca”, no texto de “Palestra”, assinado por A. A. – o que não é verdade. Cf. *O País*, 02 out. 1908, p. 3. [disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>] Acesso em: 23 fev. 2016.

A atualização ortográfica, adotada pura e simplesmente, como critério, sem que se considere a natureza técnica da composição em versos, pode introduzir problemas inexistentes nas primeiras edições. Um exemplo ocorre com a palavra “minarets”, no verso n. 11 – “No alto dos minarets erguem-se as cruzes;” – do poema “Alpujarra”, excluído de *Crisálidas* em 1901. A palavra “minarete”, apesar do longo contato dos povos da península ibérica com a cultura árabe, de onde procede, veio ao português por intermédio do francês e só apareceu em dicionário de língua portuguesa em 1877, na sétima edição do *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva (Cf. HOUAISS, 2001). Quando se atualiza para “minaretes”, fica acrescentada uma sílaba ao verso, que de decassílabo passa a hendecassílabo, embora sem os tempos fortes do verso de arte maior, única forma em que Machado de Assis o utilizou, e ainda assim em apenas quatro poemas que nunca incluiu em seus livros de poesia.

O poeta empregou a palavra em 1862, em “Alpujarra”, tradução de trecho (ou fragmento) feita a partir da versão francesa de um poema, “Konrad Wallenrod”, de Mickiewicz, cuja língua original era o polonês; ele adotou, então, a palavra francesa (embora não a tenha marcado com itálico, conforme costumava fazer, talvez por considerá-la de feição suficientemente próxima da língua falada no Brasil), que se não podia encontrar nos léxicos do português. Essa atualização foi feita nas edições W. M. Jackson, no que foi seguida pelas edições da *Obra completa* pela Aguilar (José Aguilar / Nova Aguilar), inclusive as mais recentes, em quatro volumes. A edição crítica, de 1976, respeitou a forma original do verso – que, daí, passou correto à edição de Cláudio Murilo Leal. Rutzkaya Queiroz dos Reis, seguindo a tendência dominante, também atualizou a ortografia.

A edição preparada por Reis apresenta, ao final do volume, uma seção intitulada “Recepção crítica”, em que “traz o que se pôde recuperar da recepção crítica que teve a produção poética machadiana à época de sua publicação, seja nos periódicos ou livros” (REIS, 2009, p. 22).¹¹

Por fim, restam as edições recentes da *Obra completa em quatro volumes*, pela Nova Aguilar. A edição de 2008 (que consultei) já traz a indicação de ser a segunda; em 2015 saiu a terceira. São edições ampliadas, com mais textos do que as séries anteriores, e, nelas, no tocante à poesia, que vem no terceiro volume, foi mantido o padrão das

¹¹ A seção “Recepção crítica”, nessa obra, abrange as páginas 627-747.

edições Aguilar em três volumes, ou seja, conservou-se a mesma organização geral das poesias completas – recuperando, porém, os paratextos das primeiras edições, desaparecidos desde 1937. Nessas edições, o conjunto ficou assim organizado: 1. “Poesias completas”, contendo tudo que o autor aí pôs em 1901; 2. “Poesias coligidas”, com os poemas e outros textos, do autor e de outros, que faziam parte das primeiras edições de *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas* e que foram excluídos das *Poesias completas*; 3. “Outras poesias”, seção em que, dispostas cronologicamente, mas sem indicação das fontes de onde foram recolhidas, toda a poesia dispersa do autor, somando um total de 102 títulos, aí incluídos, sem distinção de unidade ou de extensão, “A derradeira injúria” e “O Almada”. Entre as poesias coligidas estão “A uma donzela árabe”, “A Francisco Pinheiro Guimarães” e “Prólogo do *Intermezzo*” – peças que escaparam a Cláudio Murilo Leal, mas não a Rutzkaya Queiroz dos Reis –, assim como “A Guiomar” e “A Francisca” – peças que, na edição de Rutzkaya Queiroz dos Reis, encontram-se fora do conjunto dos “Poemas dispersos”.

Nessas edições da *Obra completa em quatro volumes*, mais completas que as anteriores, em três volumes, sob a alegação de ser “destinada ao grande público”, não só atualizou-se a ortografia, fez-se mais do que isso: foi modernizado o texto, corrigiram-se supostos erros de Machado de Assis. Eis o que diz a Nota Editorial, em sua parte II:

Os critérios essenciais no tratamento dos textos desta edição foram:

1) atualização ortográfica; 2) aplicação das regras vigentes para a colocação de crases; 3) correção das vírgulas flagrantemente incorretas; 4) uniformização do uso de travessões, que em autores do século XIX alternam-se com vírgulas; 5) correção dos erros de concordância verbal; 6) substituição das palavras estrangeiras por seus equivalentes em português, mas preservando os casos em que a palavra em português, embora dicionarizada, soe estranha ao leitor comum, e ainda quando o uso do estrangeirismo for uma característica do personagem, e portanto um índice de sua personalidade ou posição social; 7) correção das flexões verbais de “haver” quando contrariam a regra vigente; 8) o uso de “Senhor” e “sr.” foi uniformizado: procurou-se grafar com minúscula e por extenso quando a palavra aparece em diálogo; e com minúscula e abreviada quando aparece em discurso indireto. O mesmo vale para “doutor”, “professor”, “padre” etc. (In: ASSIS, 2015, v. I, p. XII)

Alguns dos itens propostos desfiguram estilisticamente, de um modo geral, a obra de Machado de Assis, e, de modo particular, a sua poesia. É certo que há erros que devem ser corrigidos, mas “modernizar” a língua do autor é pô-la sob a regência da gramática atual, e contra os devaneios e a falta de tino da língua viva, em incessante

mutação. Só dois exemplos: “a correção das flexões verbais de ‘haver’ quando contrariam a regra vigente” não só apaga uma característica dos textos machadianos, como nega uma tendência ainda vigente na língua de hoje; “a correção dos erros de concordância verbal” levou os editores, em acordo com seus critérios, à correção do verso n. 10 do soneto “A uma senhora que me pediu versos”, de *Ocidentais* – erro apontado desde 1901 por Múcio Teixeira (Cf. TEIXEIRA, 2003, p. 242), inimigo do poeta, e que nenhum editor corrigira, nem mesmo Péricles Eugênio da Silva Ramos (Cf. RAMOS, 1964, p. 78-79), nem a Comissão Machado de Assis (Cf. ASSIS, 1976, p. 492).

É curioso que os editores recentes, embora tenham recolhido o máximo de “dispersos” do poeta em suas edições, não se tenham ocupado de uma importante faceta dessa obra poética: a da poesia dramática. Há até mesmo edições que trazem o título de *Poesias completas*, mas que suprimiram de *Falenas* a terceira parte, “Uma ode de Anacreonte”, sob o pretexto de que o poema, por sua forma dramática, foi deslocado para o volume das peças teatrais (na mesma coleção) (Cf. ASSIS, 2000). Sem as obras dramáticas em verso, continua “incompleta” a poesia de Machado de Assis. E há o conjunto expressivo de crônicas em verso, a “Gazeta de Holanda”, que Cláudio Murilo Leal incorporou ao repertório poético do autor – o que já é um avanço.

Dos textos dramáticos em versos alexandrinos, além de “Uma ode de Anacreonte”, que pertence a *Falenas*, há a comédia *Os deuses de casaca*, publicada em 1866, incluída por Mário de Alencar, em 1910, no volume *Teatro*, de Machado de Assis (Cf. SOUSA, 1955, p. 413), e as cenas dramáticas “Antes da missa”, publicada em *O Cruzeiro*, em 7 de maio de 1878, e recolhida em *Novas relíquias*, em 1932 (Cf. SOUSA, 1955, p. 505-506), e “O bote de rapé”, publicado em *O Cruzeiro*, em 26 de março de 1878 (Cf. SOUSA, 1955, p. 503).

Pelo fato de serem destinadas “ao grande público”, as edições recentes da *Obra completa em quatro volumes* dispuseram esses textos como se foram prosa, dificultando o reconhecimento, pelo “leitor comum”, da estrutura versificada (e rimada) desses textos dramáticos.

Também isso é, não apenas versos, mas poesia.

AN APPROXIMATION TO THE COMPLETE POEMS OF MACHADO DE ASSIS

Abstract: This paper, without being exhaustive, focusing only at certain points of inflection of the publishing history of poetic texts by Machado de Assis, presents a brief history of his complete poems, with observations and comments on several of its issues. Several compilations of author's sparse texts are referred to, as well as progressive findings of texts from primary sources, mainly from newspapers and magazines in which they first appeared. The incorporation of these new texts to the ever expanding complete works of the author is explained. The two most recent editions, which bring together the author's complete poetry, *Toda poesia de Machado de Assis*, organized by Cláudio Murilo Leal, and *A poesia completa*, organized by Rutzkaya Queiroz dos Reis, are also taken into consideration.

Keywords: Brazilian poetry, Complete poetry by Machado de Assis, Machado de Assis.

Referências

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. Cantos ocidentais. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano I, tomo III, p. 135-140, 15 jan. 1880. [disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>>] Acesso em: 23 fev. 2016.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Outras relíquias* (prosa e verso). Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

ASSIS, Machado de. *Novas relíquias*. Rio de Janeiro: Guanabara, Waissman, Koogan, 1932.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

ASSIS, Machado de. *Poesia e prosa*. Org. e notas de J. Galante de Sousa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. v. III.

ASSIS, Machado de. *Dispersos de Machado de Assis*. Coligidos e anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. III.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Garnier, 2000.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. III.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Edusp, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. 4v.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEAL, Cláudio Murilo. Prefácio: A poesia de Machado de Assis. In: ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 13-22.

LEITÃO, F. T. Crisálidas. In: MACHADO, Ubiratan (Org.) *Machado de Assis: roteiro da consagração*, p. 55-59.

MACHADO, Ubiratan. (Org.) *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. (Org.) *Machado de Assis: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

REIS, Apresentação. In: ASSIS, Machado de. *A poesia completa*, p. 19-23.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1955.

TEIXEIRA, Múcio. Poesias completas. In: MACHADO, Ubiratan (Org.). *Machado de Assis: roteiro da consagração*, p. 242-252.